



A VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS JUVENIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA

Débora Costa Ramos de Jesus ¹

Emilie França Santos ²

Gabriele Fernandes Soares ³

INTRODUÇÃO

O relato de experiência discute as Culturas Juvenis na Escola com base em observações de aulas de Sociologia realizadas em uma escola pública de Vitória da Conquista, Bahia, a partir da vivência como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

A Cultura Juvenil pode ser definida como algo na qual a juventude manifesta um conjunto de crenças, valores, símbolos, estilos e formas de viver a vida em um determinado grupo social, de acordo com Prado (2012) e Amaral (2011). Essa cultura juvenil possui um papel central no que diz respeito à socialização entre os discentes, pois, os mesmos podem partilhar de processos semelhantes, fazendo com que seja criado um vínculo interativo com suas manifestações simbólicas. Os jovens criam uma rede onde suas conexões se exercem através de elementos como músicas, vestimentas, acessórios, música, dança, arte ou até mesmo por meio do universo cinematográfico. Assim, os discentes compartilham uma construção onde criam identidades próprias que deveriam ser aproveitadas pela instituição escolar.

Como essa cultura se torna renegada pela escola, se nota uma “violência simbólica” (Bourdieu, 1998) enraizada nesse espaço, expressa pela supervalorização de uma cultura vista como hegemônica em detrimento de culturas originárias das camadas populares. Essa valorização proporciona que os discentes considerem que a sua cultura não se torna importante o suficiente para ser ensinada nas escolas.

1 Graduanda do Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, mulher negra residente da cidade de Vitória da Conquista, Bahia, deboramosdejesus@outlook.com;

2 Graduanda do Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, mulher parda, residente da cidade de Vitória da Conquista, Bahia, gabyfernandes424@gmail.com;

3 Graduanda do Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, mulher parda, residente da cidade de Vitória da Conquista, Bahia, emiliefranca2004@gmail.com;



Se os educandos utilizassem a cultura juvenil em suas aulas, se tornaria perceptível a mudança que isso causará aos próprios. Como exemplo, utilizar a cultura do Hip Hop para explicar como isso foi um marco para a cultura afro-americana e latino-americana, mostrando também as influências que até hoje podem ser vistas em diversos países. Visto que o Hip Hop além de ser um gênero musical, tornou-se um movimento artístico que combina dança, música, moda e grafite. Com este exemplo, percebe-se como um simples gênero musical pode ser utilizado de diversas formas em sala de aula, podendo tornar assim uma forma de avaliação, como uma apresentação de Hip Hop e assim demonstrar a esses discentes que a cultura que eles consomem são visíveis para a escola e professores.

Dessa forma, este relato tem como objetivo compreender como se concebem as formas culturais de expressão juvenil, analisando como os mecanismos da cultura estão interligados com o processo de socialização e de aprendizagem.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Os dados abordados nesta discussão foram obtidos através de descrições em cadernos de campo, realizados em observações em uma escola pública do ensino médio de Vitória da Conquista, Bahia. Tais observações se deram a partir da vivência como bolsistas do PIBID da área de Sociologia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

DESENVOLVIMENTO/REFERENCIAL TEÓRICO

Sobre observações em torno do ambiente escolar, há evidências de uma “violência simbólica” (Bourdieu, 1998) em relação à cultura popular dos discentes. É comum a valorização de determinados tipos de cultura, geralmente associados à elite intelectual e financeira. A preferência pode ser evidenciada no conteúdo, linguagem, atividades pedagógicas e outras formas de interação social dentro da escola. Além da discriminação simbólica de alunos que compartilham de outros ideais, é ignorado também o potencial de aparatos presentes na cultura juvenil como mecanismo de interação, tornando explícito as práticas desvinculadas exercidas pela escola com relação aos estudantes.

Com isso, é possível perceber que o ambiente escolar, assim como os indivíduos que exercem funções dentro do mesmo acabam por recair no mesmo ponto, a desvalorização dos elementos culturais enraizados nos discentes que compõem o corpo estudantil, ou seja, torna-se perceptível que existe uma força que exerce uma certa compreensão sobre a cultura heterogênea, essa que se constitui de diversas fontes, que em sua grande maioria são

caracterizadas como "populares". Logo, as argumentações, bem como as práticas exercidas nesse ambiente voltam-se para a abordagem de uma violência simbólica (Bourdieu, 1998). Que em sua grande maioria, consiste em classificar elementos ou preferências culturais como inferiores a outras tidas como eruditas, essas que possuem maior valorização na sociedade. Entretanto esse aspecto centraliza-se sobre uma significativa problemática, visto que, acaba por marginalizar culturas que não se enquadram em padrões estabelecidos de forma irregular.

Para Pierre Bourdieu (1997): “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer”.

Nas observações feitas na escola e nas anotações retiradas dos cadernos de campos, se torna notório que essa instituição apesar dos esforços em utilizar as culturas juvenis, não conseguem englobar totalmente essas culturas, detendo de uma abrangência rasa. Dado que, embora essas culturas consigam serem vistas em programas extracurriculares, o principal que se torna a sala de aula, não se torna perceptível. Os educandos podem não se sentir “abraçados” pelos professores nesse sistema, pois os educadores supõem que explicar o assunto de uma maneira em que depositam o seu conhecimento na mente dos seus discentes se torna o suficiente para eles compreenderem o conteúdo trabalhado. Contudo, existe a necessidade de aprofundar essas temáticas relacionando a realidade dos jovens estudantes.

Para Paulo Freire (1968), o método tradicional de educação (intitulado como Método Bancário) implica em uma verticalidade, onde o professor é detentor absoluto do conhecimento e o estudante é uma tábula rasa, um recipiente vazio a ser preenchido passivamente. Para uma educação libertadora, é necessário interromper com a relação assimétrica de poder, isso pode ser feito por meio da incorporação de elementos da cultura juvenil na grade curricular como forma de valorizar o conhecimento prévio dos estudantes, respeitando suas formas de expressão, interesses, experiências e alimentando a horizontalidade do ensino. Ao seguir um modelo de educação humanizado, promovendo uma educação inclusiva, relevante e significativa, se torna possível romper com a violência simbólica que perpassa o ambiente escolar.

Ao romper com o modelo tradicional de educação e adotar uma abordagem libertadora, a escola se transforma em um espaço de acolhimento, onde os estudantes são incentivados a desenvolver seu pensamento crítico e a expressar suas ideias e culturas de forma corajosa. Dessa forma, a educação se torna um instrumento de transformação social, capaz de superar a violência simbólica e promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Essas formas de expressão e cultura dos jovens podem gerar inúmeros ganchos em assuntos sociológicos trabalhados nas salas de aula, para que esses adolescentes se sintam acolhidos pela escola em que frequentam, não sendo apenas uma fase que não marcará em nada na sua vida. Contudo, com um objetivo muito além disso, de como essa dinâmica mudou as suas formas de se observarem e também aos outros, além disso, essa relação de assuntos tidos como “antigos” na sua realidade, todavia, ainda são considerados modernos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos pontos apresentados, conclui-se que o ambiente escolar se apresenta de forma desconexa à cultura juvenil. A escola não utiliza a cultura dos jovens como auxílio na educação, se desconectando do meio em que os estudantes estão inseridos ao repudiar o manuseamento de redes sociais, por exemplo. Como observado, a desvalorização das culturas juvenis na escola pode resultar em violência simbólica e impactar o aprendizado dos estudantes. É perceptível que as culturas juvenis e suas formas de expressões caracterizam o desenvolvimento de uma maior socialização entre os discentes e apesar da escola apresentar uma gestão humanizada, essas culturas não são totalmente inclusas e utilizadas neste espaço.

Palavras-chave: Violência Simbólica, Formas Culturais, Juventude, PIBID, Escola;

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcio de Freitas do. **Culturas Juvenis e Experiência Social: Modos de Ser Jovem na Periferia**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.

NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio. (Orgs.) (1998). Pierre Bourdieu. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes.

PRADO, Antonio Ramos do. **Culturas Juvenis**. *Encontros Teológicos* nº 63, Ano 27, número 3, 2012, p. 67-80.